

ENSAIOS LITTERARIOS.

JORNAL ACADEMICO.

S. PAULO: — MAIO DE 1849.

Quando entramos no segundo periodo da publicação de nosso jornal, — nós os Redactores dos ENSAIOS LITTERARIOS, — peregrinos affoutos nessa longa romaria do progresso, devemos contas pelo nosso passado, — incorremos promessas pelo nosso futuro.

Os ENSAIOS LITTERARIOS tem um anno de vida: nascido de nossos primeiros enthusiasmos, de aspirações ainda virgens e ardentes, elle levou com as exalações de nossa alma, toda a inexperiencia, todas as fantasticas illusões desse acordar convulsivo da razão. — Somos francos: confessamos nossos erros e defeitos, — porem não renegamos do passado, — e o acceitamos em toda a sua responsabilidade.

Os ENSAIOS cumprirão o seo tempo de provanças, — e se purificavão com a critica esclarecida: nem houve carencia de obstaculos, e desenganos para provar-lhe as forças, e o vigor. — Porem um pensamento alto e poderoso, pensamento de grandes futuros, nos dava animo e conforto. — Os ENSAIOS erão a realização de uma idéa, — nós os apostolos de uma missão: — elle e nós colhiamos na alma ardente destes moços cheios de talento e imaginação, um desejo ainda increado, ainda envolto nas oscillações do espirito, — e o lançavamos ao Brasil como um protesto solemne, como uma saudação ás grandes esperanças que nos sorrião nos longes do tempo. — Nós nos constituíamos orgão de uma corporação, e nos empenhavamos n'uma tarefa da qual não havia possivel recuar.

E incorridos nesta obrigação, — e fortalecidos com os anhelos deste sentir tomavamos alento, e caminhavamos. — Nomes illustres descerão a se inscrever em nossas paginas á par de nossos nomes obscuros: e a imprensa illustrada distraio um pouco as vistas do tumultuar dos negocios para nos representar na arena do jornalismo: — e nossos escriptos, muitas vez enche-

rão as horas sollemnes da meditação de homens de grandes meritos, de sabios e litteratos: elles nos auguravão o futuro:—nos lhe constituimos a actualidade.

Assim decorreo nossa existencia de Setembro de 1847:—existencia lentamente consumida á attestar uma possibilidade, a consagrar uma idéa descrida, e lançada aos desprezos,—á ligá-la e identifiqual-a com os habitos, com as necessidades e as tradições de nossa vida academica,—á cingil-a com a aureola do talento e da intelligencia.—E empenhados neste dever os ENSAIOS LITTERARIOS admittirão o principio do exclusivismo:—era elle quem se furtava com receio aos meritos mais reaes, ás capacidades mais altas que podião obscurecel-o com o seo brilho:—neste principio estava a sua essencia, o seu fundamento.

E' esse o passado, e para nós o reveendicamos: ao Corpo Academico legamos o presente: e o futuro—á Deos no céu, e á intelligencia na terra.

A vida academica é momentanea e passageira:—um dia de sollemnes alegrias, de grandes saudades nos espera no rematar desta viagem scientifica:—nesse dia desapareceremos das scenas dessa vida, para éntarmos como actores no grande theatro do mundo.—Quando em nossos sonhos enxergamos no porvir esse dia, temos mágoa profunda:—talvez essa flor que colhemos no portico de nossa vida escholastica, e que contamos depôr nos seus umbraes, morrerá á mingoa de alimento, sem ter quem lhe velle cuidados!

E' triste de pensar:—e levados desse temor confiamos á nossos collegas a guarda deste sanctuario.—Hoje que começa a missão de uma corporação, quando talentos cheios de seiva e vigor se unirão á nós, a esses constituimos o presente sagrado por grandes esperanças:—elles serão os depositarios desta idéa, e os missionarios que a levem ao futuro pura e brilhante.

Nós que apenas tinhamos a legar aos ENSAIOS LITTERARIOS, a gloria de uma instituição pequena em suas bases, pequena em seus fins, pudemos hoje ungil-os e sagral-os com o nome e o prestigio de uma corporação illustre.

Durante o periodo que percorremos, alguns jornaes academicos apparecerão, e se finarão como flores de estação:—sentimos com dôr de coração, mas não os criminamos disso:—por difficeis provanças devião de passar para assim perderem o animo: morrerão:—porem á esses que como nós se constituão apostolos de um grande pensamento, cabe a gloria da

instituição de um jornal academico: á esses que pensão como nós, que comprehendêrão a sua missão de moços intelligen-tes, á esses chamamos para que abracem a realisação de nos-sa idéa: — gloria lhes váe nisso, e proveito nosso.

Temos fé que o nosso reclamo será ouvido: — e seguros nesta esperança fadamos aos ENSAIOS LITTERARIOS, vida longa.

SCIENCIAS.

§ I.

Soberania do povo; — Como se realisa. — Systema representativo — Duas forças que impellem a civilisação. — Divisão da Representação nacional em duas Camaras. — O que representam ellas.

Os ultimos tres seculos constituem a época mais memoravel das lutas da civilisação contra a barbaria, e dos cons-
tantes esforços do espirito humano para sacudir o pesado
jugo, com que a mão de ferro do despotismo o tinha aca-
brunhado: esse foi certamente um tempo de gloria para a
humanidade. Já dès dos seculos anteriores a liberdade mar-
çhaya, ainda que lentamente, no caminho do progresso; mas
então, parecendo divisar o alvo de sua carreira, os seus passos
forão agigantados. A Philosophia ouviu os seus gemidos, e
as vozes do povo que reclamava imperiosamente a emanci-
pação politica; e ella incumbio-se da defeza de tão nobre
causa: sondou a profundidade da chaga publica, examinou-a
em todas as suas faces, e reconheceo a necessidade de um
remedio extraordinario. As obras de Montesquieu, Voltaire
e Rousseau pozerão os espiritos em uma agitação horrivel,
elaboravão as idéas já sufficientemente adquiridas, e fizeram
levantar o grito revolucionario: grito universal, que não
foi possivel abaffar-se, e deo causa ao apparecimento da maior
das commoções politicas, que lemos nas paginas da historia.
Uma nova era começou pela restauração da dignidade do
homem, com o reconhecimento da supremacia do direito
geral sobre o direito particular, isto é, com a proclamação
da soberania do povo; foi o principio mais sublime e phi-
losophico, que a civilisação trouxe ao mundo. A soberania
do povo é, na phrase brilhante de Lermnier a traducção
humana da omnipotencia de Deos; e é tão pouco em sua
essencia o triumpho bruto da força material, que ella é pelo
contrario o dogma o mais ideal a que o espirito humano
pôde-se elevar.

De que maneira porem exerce o povo os seus direitos como soberano? Será pela reunião de todos os cidadãos em assembleas deliberando sobre os interesses politicos, como nas democracias puras? Hoje é desnecessario e mesmo pueril demonstrar-se o absurdo de semelhante maneira de entender a realisacão da soberania por menor que seja o territorio ou a população de um estado. A experiencia tem mostrado ao povo quanto é elle accessivel ao erro, e o seu bom senso desprezará as lisonjas daquelles que o declararem capaz de achar os meios mais concludentes á sua prosperidade. Os governos de Roma e dos pequenos estados da Grecia forão na verdade puramente democraticos; mas o que ha de extraordinario nesses estados, em que não erão tomadas em consideração os interesses de uma maioria sobre a qual pesava o mais duro captiveiro, e em que esta acção publica podia ser exercida pela pequena minoria dos cidadãos, isto é, dos homens livres? Elles erão antes, como diz M. de Tocqueville, republicas aristocraticas, nas quaes todos os nobres tinham um direito igual ao governo. E' ao systema representativo dos tempos modernos que devemos uma soluçãõ mais completa e mais perfeita desse grande problema social; por que si o povo é incapaz de tomar parte directamente nos negocios publicos, torna-se evidente a necessidade de representantes que os exercão em seu nome e em seus interesses com aquellas restricções que forem marcadas em uma lei fundamental. E' verdade que encontramos na media idade assembleas discutindo e deliberando sobre os interesses nacionaes; a França tinha os seus estados geraes e provinciaes, a Inglaterra o seu parlamento, a Italia e Allemanha as suas dietas, a Hespanha as suas côrtes; porem a organisacão imperfeita dessas assembleas compostas de elementos heterogeneos, e dominados pelo espirito de classes cujos interesses estavam quazi sempre em opposicão, contrastava com a verdadeira idéa da representacão nacional; não havendo uma lei fundamental que regulasse as suas attribuições e o tempo em que devião ser conservados, ora os tornava dependentes dos monarchas que lhes impunha a sua vontade, e erão então suffocadas as vozes do patriotismo contra as usurpações dos despotas, outras vezes ellas tomavão o predominio e os monarchas erão reduzidos á nullidade; em fim a falta da liberdade da imprensa tornava nulla a influencia da opinião publica.

Todavia ficou ainda subsistindo, posto que com diversos caracteres, a divisão primordial da representacão nacional em dous corpos distinctos; e qual será o seu fundamento? A existencia de uma só camara não era sufficiente a fim de fazer

apparecer a verdade e o bem social no choque das opiniões divergentes e dos interesses oppostos? Para respondermos á esta questão, é necessario conhecermos quaes são as forças que impellem a civilisação.

A historia nos apresenta as sociedades continuamente marchando no caminho do progresso; ellas divisão vagamente na obscuridade do futuro um alvo para onde dirigem os seus passos, ou antes são impellidos por uma força invisivel, pelo dedo da Providencia: este alvo é o fim social; ora mostram-se desanimados ante mil obstaculos que se lhes antolhão, estacionão-se e mesmo parecem retrogradadas, mas é para concentrarem suas forças, e começarem de novo com mais vigor a sua carreira. Nesse movimento das sociedades notamos uma tendencia, pela qual ellas impacientadas com as resistencias que encontram, querem lançar-se com passos precipitados para o futuro: esta tendencia é a da mocidade. Cheia de fogo e de enthusiasmo, cendendo mais ás impressões da sensibilidade e das paixões, ella aquietta-se quando mede a distancia, que ainda tem de percorrer; não attendendo ás memorias do passado planeja utopias que logo substitue por novas fantasias: é uma tendencin de destruição, caracterisada pelo espirito de inconstancia e de innovações. A par desta tendencia existe uma outra, porem ealma serena e menos arrebatada que a primeira; nós a encontramos nesses homens avançados em idade que, orientados pela bussola da experiencia, não são menos dedicados á causa do progresso; encanecidos na prática do seculo, e cheios de um amor quazi supersaturo da mocidade, forção-na a retroceder seus passos e mostram o abysmo em que ia precipital-a a irreflexão e inesperienza. Estas são as duas tendencias que constituem a lei e a condicção do progresso nas sociedades.

A representação nacional não sendo mais que a traducção para o poder dos habitos, opiniões, virtudes e mesmo vicios do povo, na sua organização é necessario que se fação entrar estes dous elementos, e que sejam combinados convenientemente de sorte que nenhum delles tenha preponderancia sobre o outro, sendo divididos em duas camaras os representantes do povo: uma composta de homens idosos escolhidos como os mais habéis por suas virtudes e talentos, outra composta da flor da mocidade. A preponderancia do Senado sobre a camara dos deputados tornaria lento o progresso na sociedade, e talvez mesmo o seu estado estacionario, a preponderancia de outra camara traria a precipitação e as innovações frequentes que nunca pôdem fazer a

felicidade do paiz. Estas duas camaras não são portanto representantes de interesses distinctos, e nem tão pouco o é o Senado dos interesses da nobresa. instituição essa filha do feudalismo, hoje riscada das constituições, e substituída pelo grande principio da igualdade, resultado da civilisação; ellas representam duas opiniões identicas quanto ao seu fim, e diversas quanto aos meios que julgão capazes de realisal-o.

F. dos Santos
(Continuar-se-ha.)

LITTERATURA.

A IMPRENSA.

A historia da imprensa, como a de quasi todos as inventos humanos, acha-se envolta na obscuridade do tempo: não sabe-se precisamente, se antes do seculo XV já era ou não conhecida a arte de imprimir. Alguns historiographos dizem, que ella já existia na Tartaria, na China e no Japão durante o periodo do seculo III, e em apoio da sua opinião citão o testemunho dos escriptores chinezes. Nada porem ha de positivo e incontestavel á esse respeito; e em falta de dados exactos nós a saudaremos desde o seu apparecimento na Europa.

O imperio do Oriente — essa sombra pálida do colosso romano — marcava com a sua queda a transição de uma epocha de barbaria e individualismo para outra de mais lisongeiros esperanças, caracterisava as ideas d'uma geração nova que renegava as crenças do passado, e surgia cheia de vida e de forças das ruinas de um mundo que se havia esboroadado, quando a intelligencia humana saudava entusiastica a invenção da imprensa. As idéas do systema feudal que succumbia quasi por toda a parte na luta travada com o poder real — apoiado no povo, succedia o apparecimento de um novo meio que traduzia a palavra e levava ao conhecimento da posteridade. E com a existencia deste facto tão transcendente coincidião outros muitos nos fastos dos povos: a bussola recentemente conhecida extendia a navegação além dos mares costeiros, Bartholomeo Dias descobria o Cabo da Boa Esperança que mais tarde devia dobrar Vasco da Gama, e a Italia dos Medicis levantava um brado de applauso com o renascimento das lettras. Parece que a natureza cansada de um tão longo repouso despertava mais vivaz e brilhante, ou que por qualquer outra circumstancia á que o espirito não póde dar solução, abria um futuro de longas esperanças — fazendo coexistir factos de tão alta magnitude. — Tres ho-

mens obscuros — Guttemberg, Fust e Shæffer — forão os descobridores desse importante vehiculo de civilisação e de progresso que legava ao futuro largas promessas: com sua descoberta elles sagrarão á sua patria — a Allemanha — um padrão de gloria, e á humanidade um novo meio, que devia dilatar suas forças e alentar o vôo de suas vastas intelligencias: não foi pois sem titulo legitimo, que seos nomes forão inscriptos nos annaes do mundo.

Fraca e imperfeita nos primeiros tempos de sua existencia a arte de imprimir teve de passar pelas condições de todas as obras humanas: fraca e imperfeita ella foi aperfeigoando-se e adquirindo forças com o correr dos annos. — Era necessario esforço e tempo para ella conseguir o *desideratum*, que exigia o espirito; mas porfiando na luta realisou os seos desejos. E a versão da vulgata ou Biblia Mazarina — primeira obra, que sahio do prélo, e hoje a impressão de qualquer escripto dos melhores editores da Europa — considerados como os élos extremos da cadêa — revellão claramente a historia de todos os obstaculos, que ella teve de vencer para collocar-se no grão elevado, em que a vemos hoje, e em que parece satisfazer as aspirações humanas.

Modesta em seo nascimento a imprensa affiançou logo a posição alta, que devia occupar nos destinos do mundo: ella não era simplesmente um facto de condições ordinarias, era mais alguma cousa, e o futuro, para quem appellou — veio attestar com os seos fructos o cumprimento de suas promessas. — A sua historia desde o começo de sua existencia até os nossos dias pôde traduzir-se n'uma série conínua de esforços em prol da civilisação, e do progresso, n'uma expansão de ardentes anhelos em favor do porvir. — Sua missão eminentemente civilisadora deolhe sempre essa direcção no seo caminhar, e o jornalismo constituto-se um elemento de força no presente, e de garantia no futuro.

Não ha por essas ruinas d'um passado, para o qual o observador lança suas vistas sem poder medir a extenção, muitos factos, que estejam em parallelismo de importancia e grandeza, com a humanidade como a invenção da imprensa. — Ella veio assegurar aos genios, que suas obras não sossobririão no naufragio dos tempos, sem que as gerações vindouras tivessem dellas conhecimento, e colhessem uteis lições: — veio attestar aos homens do dia seguinte os erros e as orgias de passado, e tambem suas idéas grandiosas e seos nobres pensamentos: veio aplainar-lhes a estrada do progresso — destruindo os obstaculos, que impedião ou difficultavão seos passos. A imprensa foi uma especie de cadêa — que ligou os tempos preteritos ao futuro — foi uma ponte

lançada entre dous mundos, que se união para repellir-se, e que chocavão-se para harmonisar-se.— Sem ella quebrava-se este pincel dos seculos que corre sem descansar pelo vasto quadro, em que apparece o genero humano para ser retractado sob as varias e indefinidas perpectivas, em que póde collocar-se: sem ella o mundo da intelligencia seria um dedalo de trevas, assim como o mundo phisico sem a presença do sol— segundo o bello pensamento d'um publicista da França.

As sciencias e artes pagáráo tambem o seo tributo de homenagem a esse grande movel da civilisação: a imprensa democratisando o conhecimento, levou-o ao alvergue do prolectario, e pol-o ao alcance do povo: e a instrucção não constituiu mais o privilegio das classes elevadas da sociedade — como o foi dos Brahminas na India, da classe sacerdotal no Egypto, e do clero europeu na media idade. — Com esse novo meio de traduzir-se a palavra — não houve mais o perigo de perder-se o fio do conhecido para caminhar-se com segurança para o desconhecido: — não houve mais o receio de solverem-se os anneis da cadêa, que prendião os homens que se finárão aos nossos contemporaneos.

Almeida Pereira Filho.

(Continuar-se-ha.)

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

SOBRE A VIDA DE D. ANTONIO FELIPE CAMARÃO.

Primeiro Periodo.

I.

Não vae talvez grande merito no recopilar a historia, e extrahir della uma biographia.— Tenho que será de utilidade recadar das folhas carcomidas dos chronistas de nossos tempos coloniães, de commum pouco lidos e conciderados, os factos importantes, e as cousas grandes de um homem que nos merece gloriosas recordações:— e nesta fé escrevo de vontade.

Quando a penna habil de escriptores de nota, se occupou em desenhar a figura historica dos Brasileiros distinctos que se haviam unido ao progresso das lettras, tive por grave descuido deixar-se muda, e adormecida uo fundo das tradições nacionaes, o vulto guerreiro desse indio, que se revelava u'um caracter tão bello:— e levado destas considerações, dei-me á escrever esta biographia, que talvez so tem o merito accidental

de espalhar na nossa litteratura moderna, ligeiros relevos de nossas reminiscencias indigenas, ás vezes tão de mais desprezadas, ás vezes tão acrescentadas que menos parecem esquecidas tradições de tempos ja idos, do que caracteres da vida presente.

Não é de saber pelos homens lidos e estudados nas cousas do Brasil, que a guerra dos hollandeses na capitania de Pernambuco, é a pagina brilhante em que anda inscripta com feitos e animos esforçados, a vida de D. Antonio Felipe Camarão:—nem ha ahi na historia patria facto desta guerra, que se authorise de grande e heroico, que não tenha o cunho do seo nome.—Filho das crenças dos indios, elle renegou sua vida de selvagem liberdade ás primeiras palavras dos ministros da religião,—e se fez cristão.—Ha neste facto espaço á serios pensamentos.—Porem deixemos a religião de Christo sua angelica magestade, o brilho incendiado de suas tradições.—é o destino de Deos:—diremos somente que para comprehender de simples intuição tanta sublimidade, erão necessarios grandes instinctos, grande intelligencia:—e nisso vae gloria ao homem, que á nos historiador não é cabível esquecer.

Antonio Camarão foi homem de boas virtudes no serviço de Deos, de valentes brios na causa do Rei:—do seo animo esfoirado, e da sua fidelidade não ha fallar: tanto era sabido em haver-se com denodo nos combates, como authorisado no concelho, e muito entendido no que era arte da guerra.—Nelle a coragem e a prudencia corrião sempre o pareo qual á valer em tempo opportuno. de maneira que se no ataque era ardente e impetuoso, na retirada fasia-se reflectido e cauteloso.—Não se negava do que era, e do que devia á defesa de seo Rei:—e tinha sempre acatamento guardado á dignidade das pessoas que os prejuizos daquelle tempo havião colocado em plaina superior:—e com isso se fazia respeitar, que aquelle he mais respeitado, que melhor sabe guardar o respeito.—Havia por costume não fallar á pessoas authorisadas na lingua portugueza, em que era muito versado, mais na lingua indigena por meio de interpretes.

Na guerra contra os hollandezes outros homens partilharam com Camarão as palmas desta luta gloriosa da independencia das colonias;—ninguem as cobrou mais.—Muitos atacavão como elle, nem um se defendia com tanta pericia e juizo tão acertado:—muitos pelejavão á sua conta e no serviço do Rei, poucos como elle se esforçarão na defeza da Patria e da Religião:—e um só como elle entrou nesta guerra sem interesses do mundo. e subio tão alto, que era verda-

deiro contraste medir-se o que ia do estadio de onde sairão, á posição que conquistarão a troco de intelligencia e coragem:—e este foi Henrique Dias (*)

Das qualidades e virtudes de Camarão, fazem larga menção os escritores da guerra hollandeza:—e o seo elogio anda escripto com credits de historia, e força de stilo nestas palavras authorisadas de Fr. Raphael de Jesus—no *Castrioto Lusitano*:

« Em servir a corôa, e a Igreja ganhou lusido credito de soldado e de religioso; e tão observante de suas obrigações, que nunca o vio distraido, quem sempre o venerou soldado.—Gastava muitas horas na oração á que se applicava ainda nos maiores estrondos da guerra:—para sair aos rebates, e para entrar nas batalhas primeiro se fortalecia com o sacramento, que com as armas:—nas occasiões mais arriscadas reccorria ao favor divino de duas imagens do Senhor e da Senhora, que entre as roupas trazia de contínuo sobre o peito.—Emquanto soldado não houve capitão mais amado, nem mais odedecido, por que não houve capitão que achasse mais imperio na affabilidade, que no dominio, do que este valoroso capitão.—As empresas o esperavão sempre com as victorias; e ganhou tantas victorias quantas forão as occasiões em que pelejou.—Para seo genio era o ocio martyrio, e o trabalho descanso:—avaliava a penalidade por deleite, e as occasiões por dita.—Seo nome, como memorial de suas proesas se ouvia entre os nossos com respeito, e entre os inimigos com espanto:—e dilatou-o de sorte a fama, que chegou aos ouvidos de seu Rei tão distante, quanto o apartavão os dilatados mares, que dividem a America da Europa.—Sem petição o despachou seu merecimento.—Deu-lhe El-Rei Felipe IV, o habito de Christo, o titulo de Dom, e o posto de Governador e Capitão Geral de todos os Indios da America. » (**)

2.º

O que levamos dito das grandes cousas que fez Camarão, vae á conta de biographo:—aos olhos do historiador que pro-

(*) Depois de concluido este nosso trabalho, contamos dar á estampa a biographia de Henrique Dias:—talvez a critica nos culpe de mania por estas consas velhas e antiquadas:—carregaremos de bom grado com a inculpação, porque nesta epocha em que vamos vivendo, em que tanto se espera do futuro, em que o modernismo é tudo, não será de balde que sejamos estudados nas causas velhas, porque estas de antiquidades que realmente são, se tornarão novidades.

(**) Segnndo Brito Freire na « Guerra Brasilica » tambem fez-lhe El-Rei Felipe IV mercê da Commenda da Ordem de Christo, e do fôro de fidalgo.

cura nos misterios do passado, o germen creador dos tempos futuros, Camarão é mais que um homem distincto, é um typo historico.

Nos tempos coloniaes, havião dois elementos de colonisação, que se excluião mutuamente no seo desenvolvimento geral:—era o elemento militar, e o elemento religioso:—a guerra e a missão.—Deffeitos e bem grandes crescião com a realisação exclusiva destes dois principios.

Os missionarios jesuitas, e os outros que os tinham por modelo na practica da Religião, erão em demasia severos e rigidos:—não cuidavão de proceder na cathequese dos Indios lenta e gradualmente, como era de razão, e tinham por vantagem a brevidade, como se para Deos, o tempo fosse em alguma cousa.—Seo pensamento de civilisação se consumava no tempo breve, na condicção fraco:—o Indio passava de uma vida selvagem a uma vida social sem transição, e saía das matas com o passo com que entrava na cidade.—O mal que resultava disto, não hei mister dizer:—os missionarios fazião com a palavra, e desfazião com a acção, como se Deos fallára inspiraões por sua bôca, e o homem obrára erros á sua conta.

O elemento militar era guerra:—então a destruição fazia a vez de pregação, o sangue a vez de baptismo.—Se um pensamento superior fosse em alguma cousa no accordo destes dois principios, com a destruição do que havia nelles de máo, umelemento regenerador, cheio de seiva e alento, nasceria dahi: nossa vida de hoje seria uma mocidade forte e vigorosa, e não soffriamos na infancia esses achaques de decripitude que a velha Europa nos herdou.—Porem, como é sabido, as cousas do Brasil, sempre corrêrão em muito desprezo no animo dos Reis de Portugal.—O elemento militar dominou:—destruiu-se uma nação valente e guerreira, intelligente e industriosa em guerra exterminadora, ás vezes iniqua e traçoeira;—o Brasil comprou a sua colonisação com o sangue de seos filhos, com o ouro de suas entranhas.—No desenvolvimento da historia todos estes principios que marcão uma revolução tem uma acção e uma reacção:—a acção é um facto consumado, já ido, entrado no dominio da historia, e sугeito ao juizo da posteridade:—julgamos delle.—A accção é um facto contemporaneo em que se envolvem os homens da geração presente:—neste nos calamos e esperamos:—o futuro decidirá

Algumas vezes o principio religioso fugia á acção do elemento destruidor da guerra:—o missionario fazia-se sertões a dentro, e a palavra santa da Religião conquistava uma alma á

Deos, um homem á civilisação, um cidadão á patria:—o Indio intelligente e bravo trasido á sociedade, copiava sua vida pelo exemplo dos homens virtuosos.

Camarão é o representante desses homens regenerados, é o typo do Indio civilisado.

Graves considerações e profundas deve despertar este facto á quem sujeitar á critica a historia do nosso paiz.—Nós o apontamos simplesmente, e deixamos ao historiador, o seo desenvolvimento.

S, Paulo 20 de Maio de 1849.

Alencar.

(Continuar-se-ha.)

REFLEXÕES

SOBRE A POESIA BRASILEIRA.

(Continuação do n.º 2.º da 1.ª Serie.)

Mui raras são as obras publicadas do Sr. Odorico; entre estas está o seo—*Himno à Tarde*—que é sem duvida um dos mais encantadores pedaços que tem produzido a musa brasileira:—e de certo por esta amostra podemos conferir ao seo auctor um dos mais distinctos lugares entre nossos poetas.—O tom admiravel dessa breve mas sublime producção,—o colorido grave, e melancolico derramado por toda ella sem nunca degenerar nessa frouxa languidez, que é hoje defeito tão commum,—a cadencia metrica sempre harmoniosa e solemne, a frase tão nobre e expressiva, e em tão perfeita harmonia, com as idéas,—despertão n'alma as mais profundas, e suaves emoções:—quem poderia encontrar tão bellas expressões, epithetos mais cheios de magia para saúdar a meiga e melancolica tarde? Como succedem se seus pensamentos tão naturaes, tão faceis? !.... Não são pensamentos procurados com afân e arte no recinto do gabinete; são as ternas imagens, as saúdosas recordações, que deslisão espontaneas pela imaginação do poeta nessa hora de remanso, que a natureza mesmo parece ter consagrado á poeticos arroubos.

Que scena com effeito tão rica de aspirações, tão propicia á saudosos devaneios, que uma pura e serena tarde nos Ceos de nossa patria. Nessa hora quieta e placida, em que vão findar todas as fadigas diurnas, em que a natureza parece preparar-se para adormecer sob as sombrias asas da noite, a tarde assoma desdobrando sobre o horisonte seo rouxo manto; as montanhas se desenhão confusas envoltas em um veô de azul vaporoso, e as orlas do ceo apparecem cingidas

de uma zona purpurea.—Parece então a tarde uma nimpha que se reclina fatigada sobre a esmeralda dos outeiros; seo peito arqueja molemente, e o halito de sua boca exhala perfumes; as rozas de seo rosto de afân tornão-se mais vivas:—parece uma fada que entre os vapores do occidente nos convida á seos encantados paços, e com sorriso cheio de amorozo languor nos promette as delicias do Eden.....

Mas nessas horas de ideaes voluptuosidades, é que nos punge a idea do nosso nada:—uma vaga tristeza lá esta bem no fundo d'alma viciando a fruição que jamais pode ser completa. Será isto uma lembrança confusa de alguma outra vida que já vivemos, saudades de algum passado anterior ao berço, e quasi extincto? Ou sera a idea da morte que como a vibora entre as flores, vem envenenar nossos mais suaves devaneios, e nos fazer lembrar que cedo ou tarde havemos de dizer um eterno adeos á esses espectaculos que ora nos sorriem?.....

O Sr. Odorico Mendes foi o interprete feliz das intimas e deliciosas emoções, que então nos repassão a alma:—foi a mesma tarde que lhe prestou as tintas melancolicas com que colorio o seo painel:—foi ella mesmo que lhe afinou as vozes da harpa, e lhe influio as graves, e saudozas harmonias do seo hymno.

Depois de havermos fallado em numero antecedente do Sr. Magalhaens, não podemos deixar em silencio o seo illustre socio de peregrinação pelo velho mundo, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre:—elle com effeito ergueo á par dos—*Suspiros Poeticos*—, um hymno digno de ser levado á mais remota posteridade:—é a sua—*Voz da Natureza*—ou—*Canto sobre as ruinas de Cumas*:—mas seo genio não conservou nas posteriores produções o alto vôo á que havia remontado.—Tornando ao seio da patria, parece que a sua musa enfraqueceo, e esfriou-se o seo entusiasmo:—nas suas—*Brasilianas*—torna-se arido e sêco.

Nessas produções o seo estylo perde as eminentes qualidades, que naquella possuirá, e começao a se tornar nimiaamente sensiveis defeitos que apenas se notavão na—*Voz da Natureza*.—Em seos versos ericados de termos tecnicos de artes, descobre-se a affectação, e uma certa pertença á originalidade; além disso elle derrama com profusão sua erudição historica, e artistica; é um rio turbulento que corre com grande ruido de palavras sonoras, que vão reboando por longo tempo nos ouvidos, deixando a alma inteiramente isenta de impressões, porque nada ha ahi que interesse o coração;—a imaginação fica affectada pelas imagens descommuuaes que nelle abundão.

Sua imaginação infrene e hyperbolica querendo attingir á um sublime fora do natural se apraz em concepções fan-

tasticas de dimensões colossaes, pelo que muitas vezes mente á gravidade do pensamento.—Na sua dicção ha tambem graves defeitos á notar:—usa muitas vezes de fraseados obscuros, e alambicados:—e não é,—como deve á um litterato,—muito rigoroso nas regras da grammatica.—Quanto á sua metrificacão, o Sr. Porto Alegre dá á seos versos uma certa forma rapida e estrepitosa, conservando-a inflexivel, e monotona de começo a fim, e accentuando quasi sempre na mesma syllaba, o que fatiga um pouco na leitura.—Porem apesar de todos estes defeitos, o Sr. Porto Alegre é admiravel pela riqueza de sua lingoagem, e mais ainda pelo seo talento descriptivo:—é quando pinta, e descreve que elle revela o seo genio eminentemente artistico:—e esta a sua natural tendencia, porque quasi sempre é plastico nas suas poesias.—Um brilhante modelo deste seo talento é a methamorphose do monte da Gávea em uma de suas—*Brasilianas*.—O Sr. Porto Alegre tem já adquirido um grande renome: e é por dois titulos, como poeta, e como artista, uma das personagens mais proeminentes do Brasil.—Como poeta, as solemnes belezas da—*Voz da Natureza*—, e algumas outras pequenas produccões, são de sobejo para compensar o que ha de máo nas—*Brasilianas*,—e grangear-lhe o louro da immortalidade.—Como artista, ahí falla a historia, animada em quadros brilhantes, pelo seo pincel.

Silva Guimarães.

(Continúa).

A RELIGIÃO E A HUMANIDADE.

I.

Olhas tu para o sol, peregrino?—Que te diz elle em seu gyro incessante, deixando atraz de si o rastro luminoso de sua cimeira brilhante, que não ha sonhal-a mais bella?—O que lubrigas nesse lampadario segredeiro erguido em véo saphirino á contemplar os homens, como se fôra o olhar penetrante de Deus?—Aquella face de oiro, aquelle rir orgulhoso como o das creações de Heziodo, aquelle chuveiro lucido, como as faiscas de espadas que se cruzão, enfim aquella feitura grandiosa o que te diz?—Não te revella grandes mysterios, como o rir da infancia que nada sabe, como os arcanos do coração que sabe muito?—Não te vibrão n'alma aquelles raios, como o vozear do orgão no recinto do templo, como o rumorejar do vento nas folhas seccas, como a voz dos prophetas divinos nas tribulações da vida? Sim.—alli eu vejo a grandeza de quem me creou, adoro sua face omnipotente, admiro seu poder, imbeveço-me em

seus dictames, sonho um mundo mais bello do que este, magestoso como a consummação dos seculos, immenso como o correr dos tempos.

Viajor,—que fazes tu sentado entre os cespides do valle,—os olhos sombreados por lagrimas,—a voz entrecortada por soluços,—quêdo e mergulhado em profundo meditar?—De um lado vês a ossada cadaverica das montanhas, onde timbra o clarão melancolico da lua á carpir o apartamento do dia,—do outro o mar que se estende bramando furioso em sua rovolvida bacia;—na terra enxergas a grama rasteira, a arvore infesada, a flor ressequida e murcha—lá no céo prendes-te aos astros admirando essa poeira de oiro e purpura polvilhada n'um manto de torquezas: e ahi recordando as glorias do passado, sentindo os perfumes do futuro, respirando os aromas do presente, achas um echo em teu peito para sublimar tua alma a Deus. Em teu caminho, ora sentado com o maronita no monte Líbano, ou á conversar com o pobre missionario das florestas virgens da America;—ora á contemplar essas esphinges dos desertos da Thebaida, as ruinas de Memphis, os destroços carcomidos de grandezas passadas, intristecendo-te com o brilhantismo apagado de nações decahidas, desfiando a historia do passado e perfazendo o que o pó dos tempos encubrio e assujentou, tambem encontras uma voz em teu coração para alar-se altiva ao throno de Deos; e então envias-lhes preces nos raios da lua, no esplendido clarão do sol, na sombra pardacenta dos arbustos, no resvallar da torrente, nos descantes dos passaros, em tudo;—porque tudo tem cordas sagradas, que lhes respondem, na lyra chamada—alma.—

Marinheiro,—quando a noite teu navio voga na placidez das ondas, e a briza levemente increspa a superficie de teu berço, e as estrellas pallidas e tristes pendem do firmamento, como as atalaias da outra vida; quando o silencio da noite solemniza o dormir da natureza, como a mudez dos tumulos a quietação do cadaver;—por que ajoelhado ergues as mãos ao céo, e supplice rogas ao summo Creador?—E' que tu fiaste na fé de tua alma. e o agradeces por ter-te salvado no louco aventurar de tua existencia. Sim aquelle mastro cahio fulminado pelo tufão, aquellas vellas rompêrão-se no meio da tempestade, aquella peça desmontou-se em combates mal-feridos; tudo ahi te falla dos azares de teu perigrinar por sobre as ondas, tudo ahi é mysterioso, como os prodigios das pombas de Dodona, como os carvalhos solitarios do gymnosophista. Vae-te, vae-te filho das

ondas a correr por esses mares que te emballão;—tens a imagem de Deos nas nuvens doiradas que te acaricião, nas auras sua voz, na tempestade suas iras e no oceano o emblema de seu poder infinito.

Em que meditas, desterrado, ouvindo as vagas soberbas esfarelarem-se nos flancos de teu rochedo solitario,—ou a escutar no fundo dos desertos o rugir do leão, o gemido da hyena e o bramir do tygre, sem o sorrir de pay, de mãe, de irmão, sem o céu de teu paiz, sem o sol de tua infancia, sem as flores de tua patria?—Quem te—consola nas horas de teu negro padecer, que coração amigo te recebe os segredos queridos e limpa-te a lagrima candente, que te escorre pela face macilenta?—Ninguem: só a Providencia tem compaixão de ti, e planta em tua alma essa roza delicada regada pela fé, orvalhada pelos anjos—a esperanza.—

Pobresinho!—Como esconde seu rosto no collo de sua mãe, como palpita apressurado seu peito, como busca occultar a rozea face!—Eil-o que se ajoellha e roga; porem agora o medo não o perturba e a voz não lhe passa quebrada pelos labios.

Poeta,—és o rei das harmonias da terra; porem dize-me:—o que decifras nos palpites selvagens das cordas de Ossian, nos cantos guerreiros da lyra de Homerô, nos ternos suspiros do alaúde de Tasso?—não sentes acazo esse carpir sentido pela cinza de velhos pelejadores, não ouves o adeus de Heitor e Andromaca e a morte gloriosa de Clorinda?—Sim, tu o sentirás por que teu estro é tambem uma religião, teu peito um templo sagrado, tua alma um thuribulo de perfumes e teu amor um incenso do céu.

Não escutais vós, homens, que vagais pelo mundo as vozes de Deus?—Não a escutais no vagalhão do mar, no susurro da aragem, no balouçar dos pinheiros?—não sentis uma sede que vos devora, um extasis que vos enleva?—Não aspiraes a uma vida melhor, a um mundo de ternos prazeres e de gosos perennaes?—Ninguem o duvidará. A natureza por toda a parte enleia o espirito do homem; por que seu primeiro altar foi a grympa das montanhas, e a abobada do seu templo era a cupola do céu; porque a religião não é deste ou daquelle seculo, mas tem origem nos tumultos donde nasce a vida; porque grande e poderosa ella assemelha-se a columna dos Magos na luz e as pyramides do Egypto na grandeza.

Será isto uma chymera?—A historia o nega.

Andrada e Silva.
(Continúa.)

CHRONICA LITTERARIA.

1.º Um novo astro raiou no horizonte litterario do nosso paiz, uma flor recentemente desabrochada veio adornar a grinalda da nossa litteratura.

O ARREBOL—jornal academico, e redigido por moços intelligentes e esperançosos acaba de sahir á luz nesta cidade: suas estrêas affianção-lhe um lugar distincto e subido entre as folhas litterarias, que o patriotismo, e os esforços da mocidade tem creado em nossa patria: oxalá que a sua vida não seja ephemera e de breve duração para podermos contemplar incessantemente as héras, que lhe forem afferidas pela justiça dos homens de letras.

Como redactores de um jornal litterario, e como Academicos muito nos ufanamos com a publicação do ARREBOL.—É elle mais um cavalleiro que entra na liça para fazer fructificar a arvore da sciencia—despertando da tibiesa e da indifferença os nossos talentos pátrios, e convidando-os para collocar tambem a sua pedra na pyramide da civilisação: é elle mais um defensor desse pensamento patriotico e generoso—mas descrido e lançado ao escarneo, que produzio os ENSAIOS LITTERARIOS.

Não somos daquelles que seguem exclusivamente a escholla do optimismo ou do pessimismo, para os quaes o meio entre estes extremos é inconcebivel. Temos crença profunda, de que moços que começam a trilhar a estrada do jornalismo não podem produzir trabalhos tão completos, e bellos como os das grandes illustrações:—mas pensamos tambem, que os seos escriptos não devem ter o destino, que alguns lhe querem assignar; e com lealdade o dizemos, que se elles não são optimos, pessimos não são, e devem merecer algumas considerações. No meio de milhares de erros e defeitos surge sempre uma idéa grande, e nobre, como nas arêas do deserto um oasis fertil e verdejante;—e isto já é algum fructo, que póde colher o paiz e ser-lhe proficuo.

Não desmedre agora essa flor que a mocidade sagrou no templo das lettras, não a creste a mordacidade da critica tão injusta—e impropria como a temos visto tantas vezes, e cujas asperezas só podem ser vencidas com muito animo e coragem. Comprehendemos bem que assim como o juizo são e recto, franco e leal alenta e dá vida, assim tambem a critica mordaz e injusta, definha e anniquilla as melhores idéas. A' aquella (permittí-me a liberdade Srs. Redactores do ARREBOL) como novos nautas no Oceano da imprensa litteraria deveis toda a attenção, e á esta esquiváe-vos sempre—fazendo força de vela para não escutar-lhe os murmurios surdos e perigosos.

Almeida Pereira Filho.

2.º Recebemos nos começos deste mez os primeiros numeros do ATHENÊO,—periodico scientifico e litterario dos Estudantes da Escolla de Medicina da Bahia,—e os HARPEJOS POETICOS, publicação semanal da typographia Commercial de Soares & C.^a

O ATHENÊO é um jornal como o nosso, collaborado por moços intelligentes, que vem reclamar o direito de serem por alguma cousa no serviço da causa santa de nosso paiz.—Como jornalista nos corre a obrigação de apresentarmos ao publico a noticia da instituição deste jornal, e enregistramos um facto que marca uma época no historia de nossa litteratura.

Os HARPEJOS POETICOS, é uma publicação de utilidade:—a idéa que lhe deo nascimento, tinha motivos nobres e justos:—mas a realisação foi má, e procedida sem criterio, e auctoridade.—O fim dessa publicação é a collecção de poesias inéditas modernas, dessas inspirações passageiras, que os nossos talentos esparzem nas folhas de um album, ou nas paginas de um jornal, e que se esquecem immediatamente.—Porem além de que nos HARPEJOS POETICOS não respira o espirito nacional, que devia ser o seo titulo mais justo, nota-se a má escolha das poesias: e que desmente o merecimento desta obra.

3.º No dia 26 de maio, installou-se a sociedade Academica—ENSAIO PARLAMENTAR:—o titulo dessa sociedade explica sufficientemente o seo fim. E' mais um pensamento nobre, um protesto solemne da mocidade pela causa do progresso: a imprensa tinha inaugurado um monumento nos ENSAIOS LITTERARIOS,—no dia 26 de maio a tribuna, essa outra alavanca do progresso, e de civilisação, consagrou na sociedade—ENSAIO PARLAMENTAR, a influencia da palavra nas idéas e principios.—No dia da installação o Presidente, o Sr. G. Alcôforado n'um brilhante discurso, desenvolveu o fim da sociedade, e o pensamento que lhe havia dado nascimento.—Fôrão sorteados para discussão na sessão seguinte dois pontos, um de direito outro de litteratura: 1.º *Destino de Diplomacia,—sua posição no quadro de revoluções modernas, e suas tendencias no futuro.*—2.º *Character de poesia antiga e moderna,—sua differença.*

O DIA.

HARMONIA OFFERECIDA AO INSIGNE ARTISTA E POETA O SR. MANOEL
DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

(Continuação do ultimo numero da 1.º Periodo.)

2.º

Le soir.—oh ! c'est aussi l'heure dont parle Dante
Où l'airain qui s'agite, émeut une ame ardente
Jusqu'à la déchirer.
L'heure, où le pelerin que la fatigue gagne
Repond halaine, et seul au flanc de la montagne
S'arrete pour pleurer.

C. TORQUETY.

Como placidamente a tarde estende
Pelo liquido asul seo roseo manto !
Aqui pousado á sombra deste robe
Feliz quem póde derramar sua alma
Docemente contigo deslizar-se
Casando os sons da lyra aos sons das auras
Que as franjas d'ouro de teo manto agitação !

Como agora tão bella te incendeias
Nunca foi tão formosa a linda noiva
Aurea madeixa floreada ao vento
Pousando a casta fronte nos joelhos
Desse que adora ouvir-lhe as agias queixas,
E desviando a chuva dos cabellos
Desvendar-lhe um semblante enrubecido
Inda orvalhando de recente pranto ?
Nunca o sonoro murmurar d'um anjo
Todo cheio de supplicas e lagrimas
De praser, e de amor gemeo tão doce
Nesse instante de magico feitiço,
Em que alma toda amor quer mais precisa
P'ra derramal-o todo pelos olhos !

Quem não te ama, ó tarde ? nesta hora
Parece que do afan tambem cansada
A natureza inteira como o homem
Vôa a dormir nas azas do silencio !
Primeiro ergues a fronte enlanguecida
Pulsas a esmo os bambeados nervos
De tua harpa assombrosa de mil cordas ;

Pousas sobre ella a fronte desmaiada
E esse hymno que exalças, cõa, infiltra
Silencio, allivio, magica ternura
N'alma cansada das diurnas lidas.
Tarde formosa, tarde como és linda !
Ha ahi no mundo coração de Bardo
Harpa desconhecida, fibra d'alma
Que não tremesse inopinada—quando
Espalhas tuas tranças do occidente
Pelos dourados corucheos dos montes,
Pelo cocar esbelto das palmeiras
Ou no dorso auritinto das quebradas?
Tarde, formosa tarde como és linda !

Quem te formou tão bella?—Quem trajou-te
Dessas palhetas d'ouro, desses lirios
Tão alvos que debrução-te da fronte
Murchou-os algum sol lá d'outra esphera ?
Mas assim mesmo languidas chorosas
Essas flores são balsamo suave
Que em lagrimas sem dôr os olhos banhão.

Certo formosa nimpha, que eu adoro
Deu-te a noite a chorar as tranças negras
Por isso o teu olhar é como o della !
Tu solemnisas a passagem rapida
Entre as trevas, e a luz por isso, ó tarde !
Lembra o sorrir d'aurora o teu sorriso !
Talvez—quem sabe ? sejas o transumpto
D'alma do homem no fugaz momento,
Em que fugindo as emoções doridas
Quasi a tocar na margem dos prazeres
Entre ambas se divide, ambas lhe aprasem
Sente, é doce sentir mas desconhece-o !...
Tu vens aligeirar os duros ferros
Do misero africano—menos agros
Apenas de teu leito apavonado
Entre as dobras de azul, e os flocos d'ouro
Meigo sorrir no labio entrever deixas !
Tu unica os pesares lhe consolas
C'a lembrança saudosa dos palmares ;
Tu desenhas no céu em cada nuvem
Que sob os passos teos balança o vento
O bosque, a praia, o mar de sua patria,
E quiçá essa rêde abandonada

Onde a vida arraiou tanta ventura !
 Ouves tu a canção que elle te exalça ?
 —Candida virgem de cabellos d'ouro
 —Era tambem assim que tu fallavas,
 —Volitando chorosa pelas praias
 —Era tambem assim que estes meos olhos
 —Te vião despontar entre os coqueiros,
 —Que te banhavas n'agua d'oceano,
 —Oh ! nunca mais surrias tão formosa
 —Qu'esse teo rir minh'alma despedaça

.....
 Rara delgada névoa, que se estende
 Sobre um fundo de azul ao teo bafêjo
 Na cumiada de empinada rocha,
 Ai quantas vezes tarde, amena tarde,
 Veio do fundo d'alma despertar-lhe
 A imagem d'essa unica, que amava,
 Por quem fôra captivo p'ra gosar-a,
 E por quem dos grilhões tantas mil vezes
 Ferreos anneis fundir co'a quente lagrima
 Que tu lhe espremes do intimo do peito.

Quantos suspiros caem no teo seio
 E quanto orvalho d'olhos te não banha ? !
 O' malfado filho das palmeiras
 Solitario erradio n'estas horas,
 Que tu gemes saudosa nos regatos
 Funerea no balouço da folhagem,
 Que tu respiras muda nas encostas
 De crespa fragôa—te reclinás languida
 No ressequido tronco—contemplando
 Morbido arfar de rio pela arêa
 E o mar quasi a esquecer seo movimento. . .
 Sim nestas horas filhas da saudade
 Como o teo nome misero murmura.
 E essa já tão fanada flor—a esperanza—
 Como tu feiticeira, ó tarde animas !.
 Que lhe vens murmurar que faz que d'alma
 Vertão as chagas todas sangue negro ?
 Viu elle acaso flameijando ao longe
 Sua cabana ? que lhe acordas barbara
 Ai com que espinho o coração lhe sangras ?

Tu não vês como toda a natureza
 Se converte n'uma harpa magestosa

Donde cada feitura expande um hymno?
O Burity a requebrar-se esbelto
Suspira e esse suspiro de harmonia
Se derrama e se perde as tuas plantas!
Como te falla a pedra funeraria
Quando entornas sobre ella um desses raios
Com que a frente me aqueces, e illuminas?
Como ronca medonha a catadupa
Serpejando no leito de penhascos,
Onde Deos lhe bradára que arroiasse!
Aqui, e ali a cauda offerecer-te,
Onde a luz de teos olhos polvilhada
Lembra um monstro forrado d'aurea escama
A extorcer-se nos ultimos arrancos ? !..

Quem sabe será esta a vez extrema
Q'hei contemplar-te pudibunda noiva
Mas se é esta da vida a ultima gota
Antes desse-m'a o céu que dores novas ;
E se da campa além existe o homem
Tu me verás, ó tarde, reclinado
Na solitaria pedra do sepulchro
Aerias notas dedilhar d'uma harpa
E contigo gemer na voz das auras.

O. Araujo.
(Continúa.)

OFFERECIDA.

Teos lindos cabellos mais negros que o ébano
Se os visse, donzella, com as auras brincar,
Depois me fugisses, não sei se quizera
Por mais um momento com vida ficar.

Teos olhos brilhantes, que a luz das estrellas
Que á noite fulgurão, não póde apagar,
Se á furto os colhesses nos meos embebidos,
Depois deste instante podéra acabar.

Se acaso me desses n'um riso aos labios
Por curtos momentos o céu contemplar,

Morresse, ou vivesse, bem pouco importára
Depois das venturas do Elisio gosar.

Teos seios que eu sinto, com tanta volupia
Debaixo das roupas de neve saltar,
Se um genio de amor viesse á meos olhos
O véo que os occulta invisivel rasgar;

Não sei que pensára, não sei que fizera :
Sei só que inda menos me póde matar :
Morresse, ou vivesse, tambem que importára
Depois de ventura tamanha gosar.

Mas eu que não vi-te co'as tranças esparças,
Nem destes-me ainda um sorriso, um olhar,
Que apenas concebo na mente o que póde
As roupas de neve em teo seio occultar.

Não vivo, nem morro, vegeto sómente
Soffrendo, e penando n'um triste sonhar :
Nem resta-me espr'ança de ao menos um dia,
Meo anjo, em teos braços do sonho acordar.

S. de Sousa.

ENIGMA.

Guerreiros do mundo
 Por mim já passarão:
 Refégas infrenes.
 Meo seio torvárao.

Por mim o batel
 Ligeiro vogou:
 O vento comigo
 Os ares toldou

Almeida Pereira.

CHARADA.

Volveo-me o tufão,
 Aos ares levou-me:
 Na campa do morto
 O verme trincou-me.

Ternas queixas
 Desse amor
 Tem perfume
 Qual a flor.

Por mim peregrinos
 À Asia fugirão:
 Com o sangue do Godo
 Meo leite tingirão.

São bem tristes
 Maviosos
 Pungem alma
 Tão queixosos—2.^a e 1.^a

Das glórias mundanas
 Eu sou traducção:
 Dos vícios, das orgias
 Eu sou a mansão.

E's lindesa
 Graciosa
 Feiticeira
 Mais qu'a rosa—3.^a e 1.^a

O homem me calca,
 O homem sagrou-me:
 Nas faces do morto
 Arabe deitou-me.

E's faceira
 Moreninha,
 Linda graça
 Trigueirinha.

Alencar.